

GOLDHAGEN, Daniel Jonah. *Worse than war: genocide, eliminationism, and the ongoing assault on humanity*. New York: Little Brown, 2009. 658p.

### **Crime contra a humanidade: genocídio e eliminacionismo**

Julio Jeha\*

É com extrema dificuldade que analisamos o mal e as suas manifestações. Podemos entender que Homero tenha cantado a guerra, mas consideramos monstruoso quem comete atrocidades. Aplicamos esse epíteto a Hitler, Stalin, Mao Tsé-tung, e Pol Pot, assim como aos tiranos da África e das Américas que cometeram e cometem, ainda, assassinatos em massa. Tentamos nos manter na esfera moral, recusando-nos a descobrir motivos racionais por trás dos atos hediondos cometidos contra os armênios na Turquia ou os indonésios no Timor Leste, entre tantos outros grupos massacrados. Admitir sequer um lampejo de razão nesses casos significa reduzir um problema moral a uma patologia psicológica e, assim, ao compreensível e, daí, ao aceitável.

Nossa compreensão desses atos inomináveis se defronta, por um lado, com a natureza moral do mal e, por outro, com a dinâmica da loucura coletiva. Não podemos atribuir ao assassinato em massa o estatuto de ação inconsciente, porque isso equivaleria a desculpar tanto os assassinos quanto nós mesmos. Afinal, como poderíamos, nós, que tanto prezamos a vida, cometer tamanha insanidade? Para nosso conforto moral, recusamos até mesmo a supor que tomaríamos parte em massacres, caso estivéssemos no período histórico e no local apropriados.

Em *Worse than war: genocide, eliminationism, and the ongoing assault on humanity* [Pior do que a guerra: genocídio, eliminacionismo e o ataque continuado contra a humanidade], Daniel Jonah Goldhagen nos conclama a tirar essa venda que usamos por vontade própria. Ele afirma que mesmo as piores atrocidades decorrem de uma série de ações conscientes por parte tanto dos líderes quanto dos seus seguidores. Devemos, segundo ele, enxergar a eliminação em massa não como uma aberração misteriosa ou uma série de atrocidades sem ligação aparente, mas sim como um fato político, pois é um ato cometido com o propósito de obter resultados políticos, geralmente de fins últimos e geralmente com uma redistribuição do poder. Para entender melhor a questão, devemos repensar o conceito de “genocídio”, segundo ele, e reconsiderá-lo como um aspecto do conjunto de crenças, desejos, ideologias, atos e políticas existentes em um país que permitem pensar na aniquilação em massa e torná-la uma opção real. A esse fenômeno, Goldhagen deu o nome de “eliminacionismo”.

Tendemos a considerar a Shoah um acontecimento único e, portanto, fora da história. Não há precedente, pois, como escreveu o historiador Eberhard Jäckel, “jamais, mesmo anteriormente, um Estado decidiu e anunciou, sob a autoridade de seu dirigente supremo, que um determinado grupo humano deveria ser exterminado, se possível em sua totalidade, [...] decisão que esse Estado, em seguida, aplicou com todos os meios disponíveis”. [1] Goldhagen a insere na cadeia mais ampla das matanças em massa. Embora ele reconheça que os nazistas foram únicos quanto à variedade de vítimas que eles atacaram e os métodos de eliminação que escolheram, Goldhagen mostra que os elementos que associamos à Shoah – os campos, as marchas para a morte, os esquadrões da morte – reaparecem na Rússia de Stalin e na China de Mao, no Quênia e na Guatemala coloniais. As atrocidades se parecem, as suas diferenças são dadas pela ideologia dos perpetradores, suas fantasias específicas de um mundo purificado, sua visão das vítimas que procuram erradicar.

Como já fizera em *Os carrascos voluntários de Hitler* (no original, *Hitler's willing executioners*), Daniel Goldhagen insiste que os cidadãos comuns têm uma participação ativa nas eliminações em massa, quer seja o massacre dos tutsis pelos hutus, o genocídio de croatas e muçulmanos pelos sérvios, o massacre indonésio dos comunistas, o genocídio cometido pelo Khmer Rouge no Camboja, o massacre

de 200 mil maias e esquerdistas na Guatemala dos anos 1980, o massacre de árabes dos pântanos (os ma'dans) e curdos por Saddam Hussein ou outros genocídios que continuam até hoje na África. As pessoas, argumenta o escritor, têm consciência dos atos que cometem: matam a sangue frio velhos, mulheres e crianças, a golpe de facão, foice ou machado, respingando-se com o sangue e pedaços de carne e cérebro das vítimas.[2]

Goldhagen acusa as Nações Unidas de não apenas fazer pouco ou nada para prevenir o eliminacionismo, como nos casos de Ruanda e Darfur, como também de ser cúmplice no processo, ao ser incapaz de enfrentar o Islã Político, um movimento que defende a eliminação de judeus e cristãos – da própria civilização ocidental. O 11 de Setembro teria sido um exemplo das ações do Islã Político, segundo Goldhagen, que gostaria de ver a ONU dissolvida e substituída pelas Nações Democráticas Unidas, que excluiriam as ditaduras e agiriam para prevenir eliminacionismos.

Ainda que Goldhagen esteja do lado das vítimas de guerra, massacre e genocídio, ainda que ele dê ouvido aos seus gritos e veja (e descreva graficamente) os seus corpos mutilados, e ainda que, acima de tudo, ele se sinta ultrajado pela indiferença com que a comunidade internacional trata esse sofrimento, o seu livro apresenta alguns problemas. Primeiro, ao incluir sob o termo “eliminacionismo” desde verdadeiros genocídios, tais como o de Ruanda, até o bombardeio de Hiroshima e Nagasaki, as guerras sujas contra a esquerda no Chile e na Argentina, o apartheid na África do Sul, a ocupação chinesa do Tibete e os ataques terroristas islâmicos, ele esvazia o conceito como operador teórico.

A necessidade de um conceito como “eliminacionismo” para os vários tipos de violência contra populações inteiras é algo que foi proposto há mais de 60 anos por Raphael Lemkin, quando ele sugeriu “genocídio”. [3] Mais recentemente, Michael Mann criou o termo “limpeza étnica”, [4] e Rudy Rummel cunhou “democídio”. [5] Esses pesquisadores reconheceram a utilidade de um arcabouço teórico para analisar as diferentes formas de violência, assim como fez Goldhagen, mas por que deveríamos preferir o termo criado por ele? Como Goldhagen optou por evitar o debate acadêmico que *Os carrascos voluntários de Hitler* suscitou, ele não consegue nos convencer.

Outro ponto problemático em *Worse than war* é a afirmação de que todo assassinato em massa é um ato político, um projeto de transformação da realidade e não o resultado da pressão do grupo ou de medo ou de frenesi religioso – e que essa percepção deve fazer parte de toda análise daquele fenômeno. Por mais importante que esse argumento seja, Goldhagen o repete *ad nauseam* embotando o leitor, em vez de iluminá-lo e dirigi-lo a alguma conclusão própria.

Por fim, ele busca nos levar ao cerne tenebroso da crueldade sádica e gratuita, à “matriz do sofrimento, da degradação e da morte”, um propósito moral que Jean Améry e Primo Levi levaram adiante com mais sucesso, numa linguagem sóbria capaz de transmitir um raciocínio coerente e preciso, algo que falta a Goldhagen.

-----

\* **Julio Jeha** é Professor Associado de literaturas em inglês na UFMG, coordenador do Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da FALE/UFMG, tradutor e coordenador do Núcleo de Estudos de Crimes, Pecados e Monstruosidades na UFMG.

## Notas

[1] *Die Zeit*, Hamburgo, 3 out. 1986. Citado em VIDAL, Dominique. *Le Monde diplomatique*, Paris, mar. 2005. Disponível em: <<http://diplo.uol.com.br/2005-03,a1085>>. Acesso em: 4 dez. 2009.

- [2] Para uma abordagem sobre o genocídio em Ruanda semelhante à de Goldhagen, ver KIMONYO, Jean-Paul. *Rwanda, un génocide populaire*. Paris: Karthala, 2008.
- [3] “By ‘genocide’ we mean the destruction of a nation or of an ethnic group”. LEMKIN, Raphael. *Axis rule in occupied Europe: laws of occupation, analysis of government, proposals for redress*. Washington, D.C.: Carnegie Endowment for International Peace, 1944. p. 80.
- [4] MANN, Michael. *The dark-side of democracy: explaining ethnic cleansing*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- [5] RUMMEL, R. J. *Death by government*. New Brunswick, N.J.: Transaction, 1994.